



Margarida Seco de Oliveira

Saúde Mental Integrativa do Ser Evolutivo

# A magia da finitude

Criador

Margarida Seco de Oliveira | 2014

Na dança cósmica da existência, a finitude é o nosso palco, o limite da nossa jornada consciente. O conceito de finitude, tão aparentemente trivial, carrega consigo uma carga imensurável de significado, o enigma que define não apenas o curso da nossa vida, mas também o tom de nossa experiência interior. Somos seres limitados, não apenas em tempo, mas em espaço, em entendimento, em consciência.

A magia da finitude reside no fato de que ela nos concede a verdade irrefutável da impermanência, uma lição paradoxal que, ao ser interiorizada, nos liberta. Há algo de profundamente transformador em perceber que, assim como tudo à nossa volta, nós também temos um prazo. O tempo, esse rio invisível, nos arrasta com ele, implacável, e ao mesmo tempo nos convida a viver de maneira mais profunda, mais consciente. Porque, ao final, a finitude não é um inimigo a ser temido, mas um mestre que nos ensina a arte de viver intensamente.

A mente humana, com suas infinitas camadas, luta frequentemente contra a ideia da finitude. Queremos imortalizar momentos, conservar o efêmero, tornar eterno o que é de natureza transitória. No entanto, é precisamente essa transitoriedade que confere significado ao que chamamos de vida. O instante fugaz, o sorriso que desaparece, o abraço que se solta, são esses momentos que nos tornam vivos, que imprimem em nós a urgência de viver com mais amor, mais presença, mais intensidade.

Nos labirintos da psique, a finitude revela-se também como um portal para o autoconhecimento. Ao nos confrontarmos com o nosso fim, desvelamos as camadas mais profundas da nossa identidade. Somos forçados a questionar: o que realmente importa?

Qual é a verdadeira essência que transcende o efêmero e toca o eterno? A morte, esse grande enigma, torna-se uma ferramenta de transcendência, uma chave que abre as portas do nosso ser mais profundo.

os que tudo tem um fim, podemos finalmente abraçar a maravilha de ser, de existir com a totalidade de quem somos, sabendo que a nossa jornada, por mais curta que seja, é única e irrepetível.

No entanto, essa aceitação da finitude não é um convite ao desespero. Pelo contrário, é um chamado à libertação. Quando aceitamos o fim como inevitável, deixamos de lutar contra o fluxo da vida e começamos a dançar com ele. A nossa existência, finita por natureza, ganha um novo brilho – o brilho da liberdade. Não mais escravos da ansiedade do que virá, mas plenamente presentes no agora, com a plena consciência de que cada segundo é precioso, cada gesto carrega um peso único e insubstituível.

A magia da finitude está, assim, na liberdade que ela nos oferece. Ao percebermos a nossa fragilidade, tornamo-nos infinitamente mais fortes, mais intensos, mais vivos. Não porque negamos a morte, mas porque aceitamos que ela é parte do ciclo, uma parte intrínseca da criação. Somente quando entendemos e abraçamos a finitude, podemos alcançar uma verdadeira plenitude – uma plenitude que se revela nas imperfeições, nas lacunas do tempo, na beleza da efemeridade.

E é nesse reconhecimento, nessa aceitação profunda, que a verdadeira magia acontece. Pois ao aceitarm

